

# Machado cronista: autor de um tempo sem tempo

*Machado chronicler: author of a time without time*

**Deisiane Santos da Conceição**

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Alana de Oliveira Freitas El Fahl**

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Resumo:** Neste trabalho, apresentamos um estudo sobre a presença de notícias jornalísticas como mote para algumas crônicas de Machado de Assis, escritas para a seção “A Semana” do jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Considerando os jornais como o principal veículo de informação e cultura da época, sua colaboração para a circulação da literatura foi decisiva, seja na consolidação de autores ou na propagação dos textos, estilos, modelos e difusão dos diversos gêneros literários. O homem letrado era visto como uma espécie de farol diante dos novos pensamentos, apresentando, através dos jornais, sua militância. Nossa pesquisa buscou identificar e analisar crônicas machadianas que foram escritas tomando as páginas dos periódicos como inspiração para a criação literária, observando como o autor apropriou-se da imprensa como tema e meio para suas produções nesse gênero representativo da literatura brasileira. Tecidas por meio de fatos e acontecimentos cotidianos, as crônicas mesclavam realidade e ficção, envolvendo o leitor na narrativa e fazendo-o refletir sobre os aspectos ali descritos, pois além da subjetividade, traziam importantes informações. Utilizamos como aporte teórico os estudos de Jorge de Sá (2005), Isabel Lustosa (2003), Marlyse Meyer (1996), Antonio Candido (1992), Roberto Schwarz (1990), Alfredo Bosi (1982), Brito Broca (1975), dentre outros.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Crônica; Periódicos.

**Abstract:** In this work, we present a study on the presence of journalistic news as a motto for some chronicles by Machado de Assis, written for the “A Semana” section of the newspaper Gazeta de Notícias in Rio de Janeiro. Considering newspapers as the main vehicle of information and culture of the time, their collaboration for the circulation of literature was decisive, either in the consolidation of authors or in the propagation of texts, styles, models and diffusion of the diverse literary genres. The literate man was seen as a kind of beacon in the face of new thoughts, presenting his militancy through the newspapers. Our research sought to identify and analyze Machado's chronicles that were written taking the pages of journals as inspiration for literary creation, observing how the author appropriated the press as a theme and medium for his productions in this genre representative of Brazilian literature. Woven through facts and everyday events, the chronicles mixed reality and fiction, involving the reader in the narrative and making him reflect on the aspects described there, because in addition to subjectivity, they brought important information. We used as a theoretical contribution the studies of Jorge de Sá (2005), Isabel Lustosa (2003), Marlyse Meyer (1996), Antonio Candido (1992), Roberto Schwarz (1990), Alfredo Bosi (1982), Brito Broca (1975), among others.

Key-words: Machado de Assis; Chronic; Periodicals.

CONCEIÇÃO, Deisiane Santos da; EL FAHL, Alana de Oliveira Freitas. Machado cronista: autor de um tempo sem tempo. *Léguas & Meia*, Brasil, v.15, n. 1, p. 216-230, 2024.

Passam os séculos, os homens, as repúblicas, as paixões; a história faz-se dia por dia, folha a folha; as obras humanas alteram-se, corrompem-se, modificam-se, transformam-se.  
(Machado de Assis, em Histórias de quinze dias)

Durante muito tempo as atividades jornalísticas e literárias caminharam juntas. Apesar de alguns contrastes entre as duas formas de narrar, como a objetividade de fatos e informações, exigidas pelo jornalismo, e a liberdade de escrita, tanto na forma quanto no conteúdo da literatura, fizeram com que as duas áreas se encontrassem, através das letras, da escrita, e da socialização de textos.

O escritor Brito Broca em “A vida literária no Brasil – 1900” (1975) aponta que, João do Rio, pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, no inquérito “O Momento Literário”, propunha algumas perguntas aos escritores brasileiros, entre elas se o jornalismo no Brasil seria um fator bom ou mau para a literatura: “[...] grande parte concordou em ver no jornalismo pelo menos uma face favorável à arte literária.” (BROCA, 1975, p. 217). Broca aponta que: “[...] sob qualquer aspecto, era, porém injusto negar o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira” (BROCA, 1975, p.218). O escritor enfatiza que ela poderia ser praticada sem nenhum prejuízo para a arte literária, e apresenta como exemplo expressivo, o escritor Machado de Assis. (BROCA, 1975, p.218).

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, era filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, que morreram prematuramente nos anos iniciais do filho. Depois de certo tempo, seu pai casara-se novamente, porém, pouco tempo depois veio a falecer, e o menino passou então a ser criado pela madrasta D. Maria Inês.

De origem humilde, segundo alguns biógrafos, o escritor sofria de epilepsia, um mal que talvez tivesse começado a se manifestar na infância, porém, podemos perceber que mesmo diante de tantos empecilhos e perdas, não se vitimou. Travou uma árdua luta para vencer os limites impostos por sua condição, de negro e pobre, em um país que ainda cultivava a escravidão, e prezava a elite burguesa.

Segundo Facioli (1982), em sua carreira literária, Machado começou versejando, porém, com o tempo, passou à prosa, com artigos referentes às artes, poesia, literatura ou crônicas. O autor afirma que:

Rapidamente deixava para trás o recente passado suburbano para integrar-se nos círculos literários da Corte, divulgando seu nome e realizando um extraordinário esforço de formação intelectual por meio de leitura persistente e atenta, do estudo da língua portuguesa literária e do francês. (FACIOLI, 1982, p. 17).

O escritor chegou a ser acusado de ter vergonha de suas origens, uma tese que, segundo Facioli (1982), não se sustenta, pois, segundo o crítico, Machado lutava contra os limites impostos por sua condição de negro e pobre, nascido em um morro.

O escritor dominava com maestria a língua francesa e detinha amplo conhecimento sobre a língua portuguesa, o que corroborou para sua entrada no meio jornalístico. Com uma extensa fortuna crítica, de acordo com dados da Academia Brasileira de Letras, Machado foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Ao ser instaurada a Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis foi eleito como primeiro presidente da instituição, devotando-se ao cargo até o fim de sua vida.

Ao publicar o romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, veiculado

inicialmente na Revista Brasileira de 15 de março a 15 de dezembro de 1880, Machado de Assis apresenta “[...] com a pena da galhofa e a tinta da melancolia [...]” seu defunto autor, Brás Cubas, que narra a história de sua vida de forma inusitada, começando por sua morte. O livro rendeu-lhe algumas críticas, porém, ao romper com o tradicionalismo, o escritor inaugura um novo estilo literário, apresentando temáticas diferentes das trabalhadas até então. Nessa obra, ironia, pessimismo, intertextualidade, metalinguagem, e outros elementos, tecem um retrato da sociedade da época. Segundo Aguiar (2008, p. 43), a prosa de ficção machadiana costuma ser dividida em duas fases, sendo uma antes da publicação de “Memórias Póstumas”, e a outra, posteriormente, isso porque a publicação do livro foi um grande salto no cenário literário nacional, pois:

[...] Considerando a técnica de construção da narrativa – que combinou tão bem as inovações de um defunto autor, que narra suas memórias começando pela sua morte – e o ceticismo galhofeiro do anti-herói Brás Cubas, o qual coloca em derrisão não apenas a sociedade hipócrita de sua época, mas também critica as reminiscências de um Romantismo piegas e ingênuo ainda em voga no cenário literário brasileiro. (OLIVA, 2008, p. 176).

Para Petraglia (2014), Machado de Assis, além de apresentar uma vasta fortuna crítica, seria um escritor canônico. O estudo de algumas obras do escritor intensificou-se com o passar dos anos, sendo então considerada umas das mais estudadas. A escrita Machadiana destacava-se por apresentar peculiaridades,

[...] sua ambiguidade, seu olhar oblíquo e dissimulado, como o de Capitu, dão margem a uma ampla variedade de leituras. Assim, ao longo do tempo temos visto análises de todos os tipos: estruturalistas, marxistas, historicistas, econômicas, antropológicas, culturalistas, filosóficas, psicológicas, psicanalíticas, psiquiátricas, bíblicas...” (PETRAGLIA, 2014, p.43)

Ao tratar sobre o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira, Brito Broca (1975), destaca que Machado de Assis, além de cronista, atuou como redator parlamentar e tarimbeiro de redação, para justificar a importância dos jornais para a literatura brasileira.

Conhecido por seus romances e contos, também foi mestre das crônicas, colaborando com a fixação do gênero no Brasil. Em parte dessas crônicas, utilizou notícias jornalísticas como mote para a inspiração do tema a ser narrado, identificando nas páginas dos jornais os temas pulsantes do período e transformando o veículo de comunicação mais importante do século XIX em matéria-prima de seus textos. Colaborou como cronista para alguns jornais e revistas, dentre eles: o Diário do Rio de Janeiro, a Semana Ilustrada, O Cruzeiro, O Futuro, Ilustração Brasileira, e a Gazeta de Notícias. Através da crônica literária, Machado pôde percorrer as principais esferas sociais, políticas e identitárias, desvelando os principais anseios, dúvidas e questionamentos de uma sociedade extremamente burguesa. Para Candido (2004, p.21), Machado de Assis “[...] era o criador de um mundo paradoxal, o experimentador, o desolado cronista do absurdo.”

De acordo com Sonia Brayner (1982, p. 426):

Foi o campo da crônica jornalística que forneceu a Machado de Assis o desembaraço preparatório para as experiências de um novo enunciado romanesco. O contato cotidiano com o leitor historicamente datado, o trabalho sobre uma oralidade necessária ao gênero, vão dar-lhe elementos para pesquisar a tessitura literária, cuja prática e progresso também é visível no conto.

O jornal carioca *Gazeta de Notícias*, fundado por José Ferreira de Sousa Araújo, em 1875, apresentava seções “de farta e variada leitura” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p.11), em que promovia temas referentes à política, sociedade, cultura entre outros. Contos, poesias, crônicas, romances fatiados também compunham a estrutura do periódico, que tinha como colaboradores nomes como: Eça de Queiroz (1845-1900), Raul Pompéia (1863-1895), Capistrano de Abreu (1853-1927), José Carlos Rodrigues (1844-1923), então editor do ensaio machadiano “Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade” (1873), publicado em Nova York, no jornal “Novo Mundo”; além do próprio Machado de Assis, entre outros.

Em sua passagem pela *Gazeta*, Machado participou de seções como *Balas de Estalo*, *A+B*, *Gazeta de Holanda*, *Bons Dias!* e *A Semana*. A série *A Semana* (1892-1893), publicada periodicamente aos domingos, sem assinatura, foi considerada a mais famosa do escritor, decorrente de seu amadurecimento intelectual, e que, de acordo com Gledson (1996, p.11) seria a produção com a qual Machado mais se identificou pessoalmente. As crônicas desta série “[...] foram sempre consideradas válidas para republicação [...]” (GLEDSON, 1996, p.11), pois abordavam temas diversos, além de abusar de elementos como humor, ironia, sátira, entre outros.

A série teve um curto tempo de duração, pois “[...] termina num momento significativo quando a *Gazeta* foi suspensa por um mês, ao desafiar a rígida censura governamental durante a Revolta da Armada.” (GLEDSON, 1996, p.11). Seria esta a última série de crônicas da qual Machado fez parte. Ao encerrar sua participação na série, Machado é substituído por Olavo Bilac “[...] colega de fundação da Academia, a quem estimava” (BRAYNER, 1982, p. 408).

O cronista Machado de Assis apresenta em suas obras importantes debates sobre causas sociais e lutas políticas. Com um olhar sutil, Machado faz um recorte do cenário a sua volta, moldando seu texto através da ironia, enfatizando casos que muitas vezes estavam ligados ao cotidiano da sociedade brasileira, como o caso *Castro Malta*, descrito na série “*Balas de Estalo*” (1883-1886), na qual o autor evoca os vermes para esclarecer o desaparecimento do corpo de um jovem militante. Muitos jornais relataram sobre este fato. Machado, como assíduo escritor, na crônica de 12 de dezembro de 1884, escreve sobre a procura do corpo de *Castro Malta*, apresentando como personagens os vermes, que eram questionados acerca dos corpos ali presentes. Trava-se então, um diálogo entre o narrador (personagem) e os vermes, em busca pelo corpo.

Castro Malta? Perguntaram-me os vermes.

- Sim, Castro Malta... Uns dizem que ele morreu, outros que não; afirma-se que está enterrado e desenterrado; que faleceu de uma doença, se não foi de outra. Então lembrou-me vir aqui ao cemitério a estas horas mortas, para interrogá-los e para que me digam francamente se ele aqui esteve ou está, e...

Os vermes riram às bandeiras despregadas; eu, menos vexado que medroso, pedi-lhes desculpa, declarando que só o amor da verdade me obrigara a fazer o que estava fazendo. (ASSIS, 1958, p.90).

De antemão, podemos perceber, desde o início da crônica, a ironia presente, uma vez que ao apresentar os vermes como possíveis conhecedores do paradeiro de *Malta*, Machado deixa transparecer de forma metafórica uma crítica, pois se no mundo real as pessoas desconheciam o paradeiro de *Castro Malta*, quem sabe os vermes pudessem sabê-lo. Esses vermes, talvez fossem a representação ficcional do poder público, posto que as autoridades tentaram de todas as formas ocultar o crime, assim como os vermes que preferiam deixar os moradores do cemitério no anonimato.

Segundo Ramos (2016, p. 178) este fato reforça para o cronista que “[...] a realidade muitas vezes adquiria um caráter mais absurdo e ficcional que a própria literatura.” Ramos adverte que o método construído pelo cronista das “Balas de Estalo” “[...] consistia em evidenciar para o leitor a tensão sempre existente entre realidade e ficção, mesmo que em publicações oficiais do governo.” (RAMOS, 2016, p. 178). A autora descreve que o cotidiano, o jornalismo, e a ciência, apresentados no caso Castro Malta, eram frutos da combinação entre a realidade e a retórica, sendo assim “[...] todo e qualquer discurso ou evento devia ser tomado a partir dessa premissa” (RAMOS, 2016, p. 178).

A obra machadiana apresenta importantes marcas históricas da sociedade brasileira daquele período, desde o regime monárquico, até a chegada da República. Machado chegou a fazer críticas diretas à propagação de alguns textos veiculados na imprensa, apontando para a fragilidade do sistema jornalístico, principalmente na cobertura dos ataques ao arraial canudense, e a figura do Conselheiro. Apesar de não estar presente no cenário nordestino, em que ocorriam os combates, Machado pôde perceber a fragilidade daquelas pessoas diante do novo sistema governamental, que se mostrava cada vez mais falho e desigual.

Em alguns dos jornais pelos quais passou, Machado precisou utilizar pseudônimos, a fim de evitar transtornos, “afinal de contas, quaisquer comentários sobre a administração imperial na imprensa poderiam lhe render alguns constrangimentos” (RAMOS, 2016, p.47), como o ocorrido em 1883, em que o escritor foi acusado de fazer insinuações à candidatura de Leonel de Alencar, irmão do escritor José de Alencar, ao satirizar a corrupção eleitoral no conto “A Sereníssima República”.

Magalhães Júnior, no livro “Ao Redor de Machado de Assis” (1958) discorre sobre a atuação militante e combativa do escritor, referente a assuntos políticos, sem deixar de lado o literário. O crítico questiona a respeito do uso de pseudônimos por Machado de Assis, e chega à conclusão de que o escritor: “[...] algumas vezes mencionava seus próprios esforços. O disfarce, portanto, lhe convinha” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 72), uma forma de questionar, e criticar, sem se comprometer.

Luiz Antonio Aguiar, em seu livro “Almanaque Machado de Assis” (2008) também descreve sobre o uso de pseudônimos na escrita machadiana, destacando que o escritor os utilizou ao longo de sua carreira, porém nas crônicas de “A Semana ele sequer assinava o nome, mas seu estilo era tão conhecido do público, que isso se tornava desnecessário. Todos sabiam de quem era a coluna” (AGUIAR, 2008, p.155, grifo do autor). Mesmo sem referência direta, o estilo Machadiano passou a ser conhecido e admirado por grande parcela da população. Brayner (1982, p. 413) afirma que é nas crônicas de “A Semana”, que Machado sai dos pseudônimos, pois já não precisava mais assinar para ser reconhecido, “Ele é o seu estilo.” (BRAYNER, 1982, p.413).

Ainda sobre os pseudônimos machadianos, Sonia Brayner (1982, p. 408) salienta que:

Nesse trânsito por jornais de mais variada tonalidade, Machado excedeu-se no uso constante de pseudônimos, uma das características do jornalismo da época. Foi Lara, Lélío, Malvólio, Job, Eleazar, Sileno, entre outros, e também dividiu o famoso Dr. Semana das “Badaladas” na *Semana Ilustrada* de Henrique Fleiuss com outros colegas de humor e verve folhetinista.

Envolto em pseudônimos, o Bruxo do Cosme Velho cria distintas figuras que irão versar na imprensa brasileira sobre os mais diversos assuntos. Há uma grande relação

entre os pseudônimos e as obras a que fazem referência, como exemplo, podemos citar o personagem Lélío das “Balas de Estalo”, figura baseada nas comédias de Molière, “Lélío é o filho de Pandolfo e namorado de Célia em ‘LÉtourdi’, - versou temas de atualidade política e social, assuntos graves e assuntos frívolos, em tom sempre facetado e vivaz.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p.13). Através de algumas notícias, Machado une o factual ao literário. O escritor mascarado por pseudônimos trata o fato de forma significativa, sobrepondo a literatura ante o fato empírico, como destaca Brayner (1982, p. 413):

Machado recolhe as notícias dispersas e, como em um “panorama visual” em moda na segunda metade do século dá-lhes enquadramento de significação. O narrador embuçado em um pseudônimo, espécie de jogo ficcional com o leitor, procura sobrepor o enunciado literário ao dado empírico, desqualificando a transparência da simples notícia. Será uma luta travada para dominar o puro factual do jornalismo em um momento importante da formação do campo específico do intelectual brasileiro (grifo do autor).

Enquanto cronista, Machado apresenta-se como uma grande referência no palco das letras. Brayner (1982, p. 407) destaca que o escritor nasceu na década da novidade, e com seus vinte anos, inicia a trajetória de folhetinista. A partir deste período, o olhar machadiano aflora sobre os fatos políticos, o escritor demonstra consistência em seus argumentos, descrevendo com criticidade suas inquietações referentes à política e ao regime governamental. De acordo com Brito Broca (1982, p. 365), Machado de Assis no começo de sua carreira, nos primeiros tempos do jornalismo, formou-se na ala dos liberais. Participando de jornais que tratavam desta corrente, o escritor criticava os fatos políticos segundo a visão de um liberal.

Através das crônicas, pode-se perceber os posicionamentos críticos do escritor. Sua escrita contemplava desde os mais austeros leitores, até os que buscavam, a partir do humor e da ironia, aplinar o cansaço do dia a dia por meio de um riso frouxo, decorrente de fatos peculiares que escapam às vistas. De acordo com os estudos de Pina (2008, p.106):

A crônica machadiana constrói-se num espaço de encenação, em que realidade, história, cultura, ficção, imaginação convidam o leitor a participar do jogo narrativo. Assim, é possível pensá-la enquanto tipo de narrativa que pode cumprir as três maiores necessidades do mercado cultural que se formava no Brasil do século XIX: por circular tanto pelo campo ficcional, como pelo documental, real, através de relatos do cotidiano, muitas vezes recheados de humor, a crônica prestou-se muito bem ao papel de formadora de hábitos de consumo do impresso, fosse ele literário ou não, construindo padrões de gosto e ampliando regularmente o leitorado brasileiro.

Podemos perceber que o ponto chave da crônica machadiana consiste neste “jogo narrativo e ficcional” com o leitor, abarcando os principais aspectos da cultura brasileira do século XIX, o que fez com que aumentasse progressivamente o leitorado brasileiro. De acordo com Brayner (1982, p. 412):

Partindo sempre da matéria viva das situações urbanas, é um narrador estimulante, capaz de avaliá-las em risonha e intencional distância, não se submetendo as opiniões do momento para provocar um presente impregnado de oralidade e relatividade, mas vislumbrando um consenso no universo das escolhas.

Dos centros urbanos e das relações humanas, a certa distância, Machado avalia o

contexto a sua volta, sem se influenciar por opiniões momentâneas. Brayner (1982, p.413) ainda acrescenta que: “Machado recolhe as notícias dispersas e, como em um ‘panorama visual’ em moda na segunda metade do século, dá-lhes enquadramento e significação”. Machado de Assis era um escritor de opiniões fortes, e fazia da narrativa um meio de articulação, enquadrando determinados fatos e estabelecendo caminhos interpretativos. Em seguida, apresentaremos nossa leitura sobre algumas de suas crônicas, desvelando algumas especificidades referente à tessitura dos textos com base em notícias jornalísticas.

## **DAS VEIAS JORNALÍSTICAS E LITERÁRIAS: A PENA MACHADIANA NOS PERIÓDICOS**

Durante o século XIX, narrar o cotidiano através da crônica tornou-se algo popular na imprensa. O gosto por esse modelo de escrita acentuou-se e jornais de todo país passaram a publicar em suas páginas, seções destinadas a esses textos. No processo de tessitura, muitas vezes, o cronista buscava nos jornais material para sua produção, reescrevendo alguns fatos, e apontando-lhe novas reflexões, o que gerava questionamentos no público leitor, que crescia progressivamente.

O trabalho de escrita das crônicas através de notícias jornalísticas foi algo abraçado por diversos escritores. A produção literária de Machado de Assis evidencia o olhar acurado de um mestre que escrevia suas narrativas com as tintas da ficção, mas também, fez uso de notícias veiculadas nos jornais para compor suas crônicas. Velloso (2017) aponta que assim como Machado de Assis, José de Alencar também usufruiu deste mecanismo na produção de seus textos. Ambos registravam os acontecimentos semanais, com base nas notícias que chegavam através dos jornais. A autora afirma que:

[...] a maior parte de suas crônicas comenta um fato noticiado, não um fato presenciado. Machado de Assis se dedicava à leitura de periódicos diversos, inclusive estrangeiros, que lhe davam matéria para compor a crônica. Daí que encontramos em seus textos alusões a algum jornal, como acontece na crônica de 25 de setembro de 1892. (VELLOSO, 2017, p. 33-34).

Desde cedo, Machado mostrava-se como um assíduo leitor, notícias nacionais e internacionais chamavam-lhe a atenção. Na crônica supracitada por Velloso (2017), o escritor apresenta um relato sobre a semana, enfatizando que esta havia começado mal. Isso porque recebera algumas cartas com agradecimentos pelo modo como havia defendido em crônica anterior, datada de 18 de setembro de 1892, a introdução dos imigrantes chineses (Chins) no Brasil. Apesar de não recusar elogios, o cronista sentia-se incomodado, pois, a seu ver, não havia defendido nada nem ninguém, apontara apenas algumas qualidades do “chim” e de outros imigrantes.

O cronista aponta a figura de Francisco Belisário (1839 - 1889), conservador escravagista, que compartilhava da mesma opinião que a sua, porém não havia relatos de que constassem elogios a ele. Belisário, segundo o cronista, ia mais longe, pois dizia coisas duras, enquanto ele não estava ali para isto. Decorrente deste fato, o cronista menciona sobre sua condição de simples eleitor, enquanto Belisário é um homem d’Estado. Machado declara que: “[...] não o imitarei jamais nos duros conceitos que exprimi, posto que revestidos daquele estilo afável que era um relevo do patriota e do político.” (ASSIS, 1996, p. 124).

De forma irônica, o cronista descreve os anseios e ideais de Belisário a partir de

sua estatura (baixo), pois precisava “subir alto para ver longe” (ASSIS, 1996, p. 124). Dessa forma, não considerava apenas as pequenas partes de um todo. O todo seria mais importante, assim como um século mais que um ano, e milhões de homens mais do que meia dúzia. O autor adverte que: “Se não são estas as textuais palavras, advertam que foram transcritas por mim, cujo falar ou escrever tem o vício de ser torto, truncado ou brusco; mas o sentido aí está. Fique o sentido. E vamos ao arroz.” (ASSIS, 1996, p. 124).

É interessante notar nessa crônica a força da imprensa e o movimento que o público leitor imprimia em suas páginas. É como se o jornal do dia seguinte fosse se produzindo a partir de suas próprias colunas, um claro processo de retroalimentação que envolve escritor e leitores.

Por fim, o cronista põe em voga o papel do eleitor, afirmando que: “(...) Eleitor não é gato de sete fôlegos. Deixa-se ficar almoçando; os intendentos vão ser eleitos a cinquenta votos. Poucas semanas depois, trinta mil eleitores saíram de casa murmurando que a intendência não presta para nada.” (ASSIS, 1996, p.128). Podemos perceber que Machado questiona o papel do eleitor, pois muitos deixam de votar para ficar em casa almoçando, porém mesmo com uma pequena parcela de votos, os representantes serão eleitos, e conseqüentemente, os que não votaram serão os primeiros a questionarem sobre os intendentos eleitos.

A atuação jornalística de Machado de Assis fez com que o escritor transmitisse em suas obras os reflexos da sociedade oitocentista, apresentando relatos sobre o cotidiano, e sua visão diante das transformações pelas quais passava o país. Todavia, sua obra vai além do retrato histórico, fornece elementos que atestam sua atemporalidade, isso porque captava suas histórias, evidenciando os principais conflitos da natureza humana.

Roberto Schwarz, em “Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis” (1990) comenta sobre a obra *As Flores do Mal* de Baudelaire, utilizando como aporte teórico as ideias de Walter Benjamin. Para o crítico, a poesia baudelairiana não envelheceu,

Não porque fosse jovem, mas porque as circunstâncias que ela cala e frente às quais compôs a sua voz e personagem continuam de pé, fazendo que *As Flores do Mal* não sejam menos virulentas e difíceis hoje que no seu momento de origem. (SCHWARZ, 1990, p.11).

Partindo deste pressuposto, Schwarz acrescenta que “algo semelhante vale para Machado de Assis” (1990, p.12), pois mesmo com o decorrer do tempo, sua obra continua sendo lida com mesmo vigor, já que muitas questões evidenciadas abrem margem para assuntos recorrentes.

Sidney Chalhoub, em “Machado de Assis Historiador” (2003, p.17), afirma que “ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX.” Sua grande influência, tanto na literatura quanto no jornalismo, fez com que sua obra pudesse ser estudada em vários âmbitos e aspectos, ora sobre a linguagem da época, seus costumes, e tradições, ou por seu lado político e social, evidenciando as questões referentes à sociedade. Como exemplo, podemos encontrar nas descrições das personagens femininas nos romances e contos machadianos, um esboço do perfil da mulher oitocentista, bem como suas características físicas e morais. As relações familiares também ocupam lugar de destaque nas obras do escritor, pois examina-as, apresentando as disparidades entre o que é mostrado e o que é vivido, prova disto é a presença do adultério, evidenciando as contradições.

Em sua carreira jornalística, Machado de Assis acompanhou os diversos

acontecimentos e *fait divers*, cotidianos, formulando juízos definidos: “a Machado interessou o espetáculo e não o cenário” (FACIOLI, 1982, p. 47). Sua escrita centrava-se, portanto, nas ações humanas e suas relações, articulando o nacional não como algo “acabado e fechado da sociedade brasileira, mas um movimento de mudança constante.” (FACIOLI, 1982, p. 47).

## NA MALHA DOS JORNAIS: O ESTILO MACHADIANO

As obras machadianas são intensamente marcadas por elementos como a paródia, a ironia, a sátira e a intertextualidade. Em algumas crônicas, podemos perceber que o autor apresenta recriações de forma irônica sobre determinados fatos, chamando a atenção do leitor para os sentidos ali presentes e a interpretação que tais textos podem gerar.

Sobre a paródia, Linda Hutcheon (1989, p.46) aponta que:

O que é interessante é que, ao contrário do que é encarado mais tradicionalmente como paródia, a forma moderna nem sempre permite que um dos textos tenha mais ou menos êxito que o outro. É o fato de diferirem que esta paródia acentua e, até, dramatiza.

Podemos perceber que esta recriação de teor cômico, ao apresentar sentidos distintos do texto base, proporciona reflexões ao leitor, pois, durante a recriação, o escritor constrói seu texto a partir de um contexto distinto. Para Hutcheon (1989, p. 48),

A paródia é, pois, na sua irônica transcontextualização e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva.

Assim como a paródia, a ironia também se fez presente em grande parte da obra machadiana. Ao tratar em seus textos sobre assuntos recorrentes, a natureza humana, as transformações sociais, político e ideológicas, Machado fez ecoar em seus textos sua voz, muitas vezes deixando de maneira sutil a reflexão para o leitor. Em suas narrativas, podemos perceber um narrar imbuído de ironia, o humor que traz um leve sorriso, mas que pode proporcionar inúmeras reflexões. Para Hutcheon,

[...] a ironia é, por assim dizer uma forma sofisticada de expressão. A paródia é igualmente um gênero sofisticado nas exigências que faz aos seus praticantes e interpretes. O codificador e, depois, o decodificador, tem de efetuar uma sobreposição estrutural de textos que incorpore o antigo no novo. (HUTCHEON, 1989, p.50).

Podemos perceber em alguns textos machadianos que paródia e ironia se corporificam. Como exemplo, podemos citar o conto “Na arca” (1878) em que o autor, por meio do jogo ficcional, aborda de forma dessacralizadora a família de Noé, que havia sido digna de salvação. O escritor apresenta ao leitor a ambição dos irmãos por conta das terras e o contraste existente no fato de que os dignos se tornaram indignos, cortando seus laços, dilacerando a família, enquanto a arca beirava o abismo.

Sobre as obras machadianas, Marta de Senna (1998, p. 16) declara que “são marcadas pela presença Shakespeariana, que é depois da Bíblia, a presença intertextual mais significativa [...]”. Os traços intertextuais, na ficção machadiana, percorrem pela vasta produção do escritor, que reescreve trechos e obras, encena novos capítulos, como

no conto “Na arca” em que apresenta “três capítulos inéditos do Gênesis”, dialoga com grandes clássicos literários ou mesmo notícias jornalísticas, tecendo reflexões, ora satirizando, ora ironizando o texto fonte diante do contexto da narrativa.

A intertextualidade, recurso tão difuso e utilizado na literatura, segundo Julia Kristeva (1974, p. 64), representa “um mosaico de citações” em que as narrativas vão se formando a partir de outros textos, outros discursos. Para Samoyault (2008, p.22),

[...] os textos literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com sua própria historicidade, e a noção tem todo o interesse em tornar a crítica sensível à consideração dessa complexa relação que a literatura estabelece entre si e o outro.

Sendo assim, podemos perceber que os textos literários apresentam relações com outros textos, evidenciando que, antes de mais nada, todo grande autor é, antes de tudo, um grande leitor. Cabe ao leitor, de acordo com seu repertório cultural e conhecimento de mundo, identificar tais marcas.

Roland Barthes (2004, p.64), em “A morte do autor”, pontua que “[...] um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação [...]”, sendo assim, podemos perceber que o princípio de intertextualidade está ligado às relações entre textos, que, de forma implícita ou explícita, fazem com que o leitor rememore e ecoe o texto fonte.

Assim, sobre o trabalho intertextual de Machado de Assis, podemos vê-lo como copista competente e traidor a um só tempo, pois dialoga com a matriz bíblica, tecendo outras verdades possíveis, forjadas por meio de um universo textual sedutor que permite ao leitor ler e reler nosso legado cultural reescrito e ressignificado. Sonia Brayner também pontua que “Machado de Assis comumente retransmite o discurso de outro emissor, modificando-lhe o endereçamento primitivo; ao divergir do seu primitivo contexto fica-lhe assegurada uma função bivocal e, daí, irônica” (BRAYNER, p. 431). Desse modo, os discursos apresentados nas obras machadianas em que há reescritura de textos evidenciam caráter dialógico, e contribuem para um discurso irônico, haja vista toda ironia é uma crítica.

Podemos perceber que os textos apresentam um discurso moldado a partir de um diálogo com outros autores e obras. Em “Alusão e zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis” (2003), Marta de Senna apresenta algumas reflexões sobre citações e alusões nos romances machadianos, algo que também chamou a atenção de Sonia Brayner em “Metamorfoses Machadianas”. Para a escritora, “Machado de Assis serve-se, em algumas crônicas, de uma estilização do discurso de outro emissor, colorido de ironia dada ao julgamento de valor acrescido ao texto, então convencionalizado.” (1982, p. 430).

O discurso narrativo, expresso nas crônicas machadianas, seu “Laboratório ficcional” (BRAYNER, 1982, p. 428), evidencia as peculiaridades presentes nos textos cujas fontes remetem a outros enunciados, haja vista “o contato cotidiano com o leitor historicamente datado, o trabalho sobre uma oralidade necessária ao gênero, vão dar-lhe elementos para pesquisar a tessitura literária, cuja prática e progresso também é visível no conto.” (BRAYNER, 1982, p. 428).

Muitos textos machadianos apresentam trocadilhos em seu desenvolvimento. Sobre isto, Magalhães Júnior (1958, p. 201) aponta que o escritor utilizou este recurso com alguma discrição, porém “[...] quase sempre demonstrava certo desdém por essa maneira popular de fazer graça, não raro condenando os alheios”.

É nas páginas dos periódicos que Machado exerce com maestria a função de

cronista crítico. A princípio, em “A Reforma pelo jornal”, texto publicado em 23 de outubro de 1859, no periódico “O Espelho”, Machado apresenta questionamentos sobre este meio de comunicação, que, por conseguinte, espalhava-se como uma grande novidade. Nesta crônica, em suas primeiras linhas, o escritor apresenta o jornal como algo que abalou tanto as aristocracias, quanto os movimentos populares. O autor descreve o meio de comunicação como algo que traz grande impacto para a sociedade, trazendo-a para luz, como se ela estivesse despertado para o progresso e para os novos tempos de modernidade.

O narrador discorre sobre a origem das coisas fazendo referência à narrativa cristã, sintetizando que: “O verbo é a origem de todas as reformas.” (ASSIS, 1982, p. 88), já na Bíblia sagrada, o verbo designa o início de todas as coisas, “Aquele que se fez carne” (João 1:14). Machado abre uma discussão e apresenta figuras históricas para a história da humanidade, como Moisés que, segundo a narrativa judaico-cristã, abriu o mar vermelho e libertou o povo de Israel. Demóstenes, orador e político, dedicou-se à luta em defesa do povo de Atenas, ameaçada por Felipe II da Macedônia. Cristo que se entregou em sacrifício em prol de seu povo, sendo crucificado em meio a ladrões, Huss que lutava por justiça social, denunciando algumas atitudes da religião católica e Mirabeau, ativista, que, durante a Revolução Francesa, destacou-se ao buscar o princípio de monarquia constitucional. Esses personagens tornaram-se protagonistas da história da humanidade, todos estes e seus feitos, seriam o verbo que se fez livro, e teriam em comum as lutas pelas classes como um meio norteador.

Na crônica, Machado abre uma nova discussão sobre a palavra, esta unidade tão significativa que abrange tanto a oralidade quanto a escrita. O cronista relata que:

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão. (ASSIS, 1982, p. 88).

Por meio, da palavra o homem passa a organizar e dominar as letras. A palavra seria sinônimo de poder, pois falada é prodigiosa, e escrita, criadora, porém, nos jornais, abarca os dois âmbitos, sem ser monologa, contudo discussão. O cronista questiona sobre o que viria a ser uma discussão, e argumenta que esta é: “[...] a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.” (ASSIS, 1982, p. 88). A discussão abrangeria de forma democrática as diversas camadas sociais, sem se fixar a grupos específicos, sendo assim as aristocracias “[...] tremem com este invento que parece abranger os séculos — e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares.” (ASSIS, 1982, p. 88).

Apesar de ser uma crônica de 1859, podemos perceber a atualidade do texto ao tratar sobre a censura. O cronista evidencia este fato ao relatar que:

E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base atual do primeiro trono da Europa.  
Mas como! cortar as asas de águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as proibidades cívicas.  
Procedem estas idéias entre nós? Parece que sim. É verdade que o jornal aqui não está à altura da sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula

de um título de fidalgo. (ASSIS, 1982, p. 88).

Desta forma, podemos perceber que o autor sintetiza que, com a mudança dos tempos, são necessárias também novas mudanças ou reformas nos modos de pensar. O talento, para que alçasse voo, precisava se abster de amarras. O autor recorre ao mito de Ícaro, para assim afirmar que já não era mais necessário utilizar asas de cera, pois o talento detinha suas próprias asas, bem como senso para saber dosar as proezas e as questões aristocráticas, o cronista encerra seu texto afirmando que: “[...] no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.” (ASSIS, 1982, p. 88) ao alcance da imprensa.

Em outubro de 1859, Machado de Assis publicou, no *Correio Mercantil*, o artigo intitulado “O jornal e o livro”. Com dedicatória a Manuel Antônio de Almeida, o texto apresenta a compreensão do escritor sobre o papel dos jornais, destacando a importância do meio de comunicação, “[...] esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este Arquimedes de todos os séculos, encontrou.” (ASSIS, 1997, p.944).

Ao tratar sobre a época vigente, Machado descreve-a como “época das regenerações”. O autor destaca que o passo dado para entrar no século deve-se à Revolução Francesa, isso porque, segundo as ideias expressas no texto, este movimento fora um indício de progresso em que efervescia o pensamento liberal, a ideia de democracia e República. O escritor descreve o jornal como um sintoma de regeneração, isto porque:

A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático, como ele. Foi a nova cratera do vulcão. (ASSIS, 1997, p. 945).

Os jornais inauguram um novo meio de conceber e perpassar informações, expondo de forma direta as principais questões da sociedade naquele fim de século. O escritor declara que a busca por um meio de propagar e perpetuar ideias remete aos primeiros tempos, nisto, o surgimento do jornal configura-se como uma revolução, bem como a imprensa, que, para o escritor, era algo redentor, maravilhoso. Ao estabelecer comparações entre o jornal e o livro, o escritor pontua que:

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções. O jornal apareceu, trazendo em si o germen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social. (ASSIS, 1997, p. 945).

O surgimento do jornal, de acordo com o autor, revolucionou de forma democrática o mundo das letras, das narrativas factuais e fictícias. Este novo modelo de popularização de ideias fez com que ocorressem significativas mudanças, tanto na esfera literária, quanto nas esferas econômicas e sociais, isso porque o discurso apresentado no meio de comunicação abrangia as diferentes camadas da sociedade.

O jornal é descrito no texto machadiano como um meio de intervenção, um divisor de águas para a sociedade. Nisto, o escritor afirma que: “o jornal é a liberdade, é o povo,

é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização.” Segundo Valentim Facioli (1982, p. 19), Machado de Assis “analisa longamente o progresso que o livro representou para a humanidade e agora esse progresso contraposto a outro: o jornal”. Ao discutir sobre a relação entre o jornal e o livro, Machado de Assis põe em voga o jornal como um meio revolucionário, inovador, uma locomotiva que seguia de forma rápida “em viagem para mundos desconhecidos, [...] a literatura comum, universal altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.” (ASSIS, 1997, p. 945).

Por fim, “O jornal e o livro”, além de fomentar a influência do meio de comunicação para a literatura, põe em voga a atuação do veículo na formação de leitores, isso porque as ideias apresentadas justificam que os livros seriam “[...] a fórmula da nova ideia, do novo sistema.”

Sendo assim, podemos perceber que o cronista exprime com maestria sua percepção a respeito dos jornais e sua circulação. Suas crônicas seguem os caminhos da inovação, revelam as ideias de um mestre que estava além de seu tempo, pois seus textos chegam de forma atual a seus leitores de ontem, de hoje e cremos, daqueles leitores do amanhã.

## Referências

ASSIS, Machado de. Crônicas de Lélío. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

ASSIS, Machado de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. A Semana. Edição, introdução e notas de Jonh Gledson. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). Machado de Assis: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

AGUIAR, Luiz Antonio. Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAYNER, Sonia. Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In: BOSI, Alfredo (org.) et al. Machado de Assis: antologia & estudos. São Paulo: Ática, 1982. p. 426-436.

BROCA, José Brito. A vida literária no Brasil - 1900. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis: historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

EL FAHL, Alana de Oliveira Freitas. O evangelho segundo Machado. Revista Tabuleiro

de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 09; nº. 02, p. 24-37, Dezembro de 2015. ISSN: 2176-5782.

FACIOLI, Valentim. Punhal com asas. In. Machado de Assis. BOSI, Alfredo [et. al.]. São Paulo: Ática, 1982.

GLEDSON, John. Introdução. In. A Semana (1892- 1893). São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

HUTCHEON, Linda. “Definição da paródia”. In: Uma teoria da paródia. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p.45-68.

KRISTEVA, Júlia. Introdução à semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAGALHÃES JÚNIR, Raimundo. Ao redor de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, S.A., 1958.

OLIVA, Osmar Pereira. (Org.) Machado de Assis e suas múltiplas vozes. Montes Claros, MG: Unimontes, 2008.

PETRAGLIA, Benito. Machado de Assis e as crônicas de A Semana. *Temporis (ação)*, v.14, n.1, p. 42 - 50, jan./jun. 2014

PINA, Patrícia Kátia da Costa. Machado de Assis e o jornal no oitocentos brasileiro: a crônica criando o leitor.<Disponível em: [anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/18/32](http://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/18/32)> acesso em: 30 de maio de 2019.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883 -1886). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SENNA, Marta de. O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

VELLOSO, Thaís Fernandes. Machado de Assis: pretensões literárias na crônica oitocentista / Thaís Fernandes Velloso. 2017.107f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, 2017.